



N.º 70 — LISBOA, 12 DE MAIO

2.º ANO

FARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se às quintas-feiras
 Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
FARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
 PREÇO AVULSO 20 RÉIS
 Um mez depois de publicado 40 réis.

Redação e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 68, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 13000 rs.	Brazil, anno 52 numeros..... 23500 rs
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs.	Africa e India Portuguesa, anno 13000 rs.
Cobrança pelo correio..... 5100 rs.	Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 13800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
 COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
 82, Rua do Norte, 82
 IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
 Rua do Almada, 32 e 34

ROSALINO CANDIDO DE SAMPAIO E BRITO

Homenagem do conselheiro Acacio



— Chamado pela primeira vez a fallar á beira d'este tumulo...

O Jornal e o Homem

O crime da semana passada deus-nos o vivo exemplo do que é e do que vale a imprensa moderna na vida e nas acções humanas.

Um soldado da guarda municipal—convem notar, um soldado!—desfecha a sua espingarda contra dois dos seus superiores e mata-os. Esse crime implica pelo menos a reclusão eterna. Digamos a palavra—este crime é a morte de quem o pratica. O soldado em questão, que não o ignorava, estava portanto allucinado. A sua razão, por um momento, extraviara-se. Muito bem. O soldado pratica o crime e, com a razão perdida, immediatamente após—o que faz?

Desce a correr as escadas do quartel, ameaça um sargento que se quer oppôr á sua passagem e transpõe a porta. Eil-o na rua, já seguido de populares e policias. O que vae elle fazer? Terá verdadeiramente enlouquecido? Voltará ali mesmo a arma contra si e far-se-ha justiça? Atravessa o jardim da Estrella, corta á rua de Santo Amaro, desce á rua de S. Bento. Onde irá? Ninguem o sabe. Depois, como se tivesse um itinerario, escolhe entre tantas, a rua da Piedade, envereda pela rua da Quintinha, pela travessa da Palmeira, pela rua das Chagas, pela rua Eduardo Coelho, sóbe a passo de carga a travessa do Conde de Souré, entra na rua do Loureiro. Ah! um chefe de esquadra tenta oppôr-se á sua passagem. Ameaça-o e passa adiante. Os populares que o seguem de longe, curiosos e atterrados, perguntam sempre—onde irá? Finalmente, desce a calçada dos Caetanos e, no meio do pasmo e da surpresa de toda a gente, onde entra elle?

No *Seculo*.

Quer dizer, este homem enlouqueceu, praticou um crime que é a sua irremediavel desgraça, está á beira da morte, e, n'este momento procelloso em que a sua razão se subverte e a sua vida se afunda, elle não corre para a loucura, elle não corre para a morte.—Corre para o Jornal.

Está doido! dizem todos. Que po-

derá elle ir fazer ao jornal? Entrou ali como uma besta ferida e vae acabar ali, depois de fazer novas victimas—quem sabe? Fugam! fugam! grita-se de todos os lados. Na redacção do *Seculo* foge toda a gente. Cá fóra ha anciedade e medo. O soldado, entretanto, de arma em punho, sóbe as escadas do *Seculo*, intima dois redactores que passam espavoridos, a que o escutem e quando um d'elles, tremulo, lhe pergunta o que quer, o soldado responde:

—Quero um *reporter*.

Para o matar?

Não!

O soldado quer apenas um *reporter*—para que dê noticia do seu crime. As *Novidades* escrevem que elle disséra—«Preciso de um *reporter* para tomar apontamentos.»

Mas não é tudo.

O *reporter* vem, abanca, chama a si um caderno de papel, um tinteiro, uma penna, e então o soldado, sem largar a espingarda, de pé, ainda pallido de commoção, conta o seu crime.

«O meu nome—diz elle—é Manuel Antonio de Deus, 1.º cabo da guarda municipal, n.º 115 da 4.ª companhia, aquartellado na Estrella...»

Conta tudo, com methodo, com logica, com minucia. Por fim, tendo verificado que o *reporter* de tudo tomára nota, conclue:

«—Quero que o publico saiba a razão que me assiste. Por isso aqui vim!»

Entretanto, accorre um photographo do jornal, previne-o de que o vae photographar, elle accede, e este homem que acabou de praticar dois homicidios e está para todo o sempre perdido, este homem que renunciou á vida, este homem que vae morrer, accede e com a sua espingarda ainda fumegante nas—mãos,—põe-se em pose. «Emquanto—escreve o *Dia*—o Manuel de Deus prestava os seus esclarecimentos na redacção do *Seculo*, foi-lhe tirado o retrato por um photographo da *Illustração*, ao que elle accedeu, pondo-se em pose.»

Nós não conhecemos modernamente na historia das relações entre a Sociedade e a Imprensa, nada, absolutamente nada que se assemelhe a esta scena; e o *Seculo* fez bem em a reproduzir pela gravura. E' um documento.

Ella mostra—o quê? Que a publi-

cidade é a preocupação exclusiva do homem dos nossos dias, e que nada elle faz, o bem ou mal, que não tenha em vista—o Publico. Aqui está este soldado. Praticado o seu crime, a preocupação unica do seu espirito é de que virá no jornal, e por tal forma esta idéa o obsidia, que não espera pelo dia seguinte: vae elle mesmo, em pessoa, através de uma cidade inteira e atravez de mil perigos, abrindo caminho com a sua espingarda—contar tudo ao jornal, mostrar-se ao jornal.

Mas faz mais. No momento de praticar o seu crime, pensa já no jornal. Só assim se comprehende que o seu primeiro movimento, logo após, seja correr para o jornal. Pensaria antes? Talvez. Quem nos diz que o jornal não lhe appareceu com a sua publicidade e o seu ruido, nos momentos da sua rapida premeditação? Antes de pegar na espingarda, elle pensou que viria no jornal. Viu-se espalhado, propalado, celebrado pelo jornal e antes de se entregar a uma expiação que sabia certa, quiz entregar-se elle proprio a uma publicidade com que tambem contava e que foi—quem sabe?—não um obstaculo salutar, mas um doentio estimulo ao seu crime.

De todos os modos, o caso d'este soldado deveria fazer reflectir os jornaes.

Chegou-se em tempo á conclusão de que as noticias de suicidio conduziã ao suicidio e resolveu-se na imprensa—não dar publicidade aos casos d'esta natureza. O mal, a nosso ver, não está na publicidade, mas na publicidade indiscriminada e exaggerada.

Allegando que o meio é restricto, mesmo o meio criminal, os nossos jornaes apoderam-se indistinctamente de todos os successos sangrentos e dão-lhe soffregamente uma publicidade excessiva, que geralmente recáe sobre individuos das ultimas classes sociaes, esquecidos e obscuros no grosso anonymato da população é d'essa forma trazidos para a luz de uma celebridade, que pelo facto de ser infamante, nem por isso os envaidece menos. A publicidade é uma forma de engrandecimento.

Certamente o jornal não torna o criminoso *sympathico*. Condemna o seu crime com vehemencia, encontra-lhe um semblante patibular, attribue-

lhe os peiores instinctos, mas, ao mesmo tempo, torna-o objecto de uma curiosidade e de uma attenção que fazem d'elle um personagem quasi interessante. Biographa-o com escrupulo, descreve-o com minucia, diz-nos a côr do seu jaquetão e o numero de voltas do seu cinto. Dá-lhe a honra da *interview*. Finalmente — publica-lhe o retrato, e sabeis vós o que significa o retrato? O retrato é a gloria. Para ter no jornal o retrato, ha quem mate.

A influencia d'esta publicidade nas classes onde ella pôde ser mais nociva, está absolutamente averiguada. O malfeitor, o assassino, o homicida, o personagem sanguinario que o jornal procurou mostrar immensamente antipathico, mas ao qual concedeu as honras de uma publicidade quasi entusiastica, passou desde logo a ser não o Crime, mas a Lenda. Cheias do seu nome, muitas almas tenebrosas desejarão o seu destino, tornar-se-hão propicias á pratica de um mal, que afinal se remunera com a celebridade das grandes coisas; e d'est' arte o jornal, que é no entanto, um fautor de aperfeiçoamento moral, se transforma, a seu pesar, n'um agente subtil de intoxicação.

O peor leitor do jornal é aquelle que não o sabe ler. O publico dos nossos jornaes é na sua grande maioria este. Sobre esse publico a influencia da exaggerada publicidade concedida indiscriminadamente a todo o genero de successos criminaes, não evita o crime e conduz ao crime. E' uma suggestão.

Eis aqui este soldado. Para nós elle é um desgraçado que matou dois homens,—mas para quanta gente não é elle um heroe?

Para o ser bastou-lhe vir no jornal, e em que proporções! E *vir no jornal*, como o exclamava o divino Eça, é hoje a impaciente aspiração e a recompensa suprema.

Como elle tão espirituosamente o disse, para *vir no jornal*, hoje em dia, faz-se tudo.

Tudo!

Mesmo o bem.

JOÃO RIMANSO.



MÁ LINGUA

Foi muito notado o denodo de que a policia de Lisboa deu mostras por occasião da perseguição effectuada atravez das ruas da cidade, do soldado da guarda municipal que matou os dois officiaes, no quartel da Estrella.

Se o soldado não se accommoda na redacção do *Seculo*, com a promessa de uma boa noticia, ainda a esta hora andava a monte, de espingarda em punho.

Verdade seja que a policia não pôde estar em toda a parte. Afóra a que se escondeu pelos portaes á passagem do soldado, uma boa porção estava, segundo dizem os jornaes, a espadeirar em Alcantara um homem inoffensivo — e tudo é serviço.

Entrevistado, o sr. dr. Benjamim Arrobas, adjunto do delegado de saude de Lisboa, disse:

—E' bom distinguir: ha mixordias que causam manifesto prejuizo á saude publica e ha outras que, pelo contrario, são absolutamente inoffensivas. E' o caso, por exemplo, da mistura do pó de milho branco com a farinha de trigo. A analyse revelou muitas d'estas fraudes... que afinal não trazem damno algum á existencia.

Afinal — é optimo, como se diz agora.

Não trazem damno algum á existencia, mas são um roubo, e se os roubos não acompanhados de attentado á vida humana devem ser considerados inoffensivos, então pedimos licença para solicitar dos poderes publicos a liberdade de todos os gatunos que, embora attentando contra a nossa propriedade, nos fazem a concessão de nos deixar a vida.

Conclusão do sr. dr. Benjamim Arrobas:

«Se os falsificadores escapam ao castigo da lei, a culpa não é nossa.»

S'tá claro!

Em Portugal nunca se sabe de quem é a culpa. — Os nossos males são todos filhos de paes incognitos.

O fisco.

Os jornaes contam que ao passar ás 10 horas da noite, pelo Alto de Santa Catharina, a Chellas, marido e mulher foram assaltados por um bando de guardas fiscaes, que dispararam sobre elles alguns tiros de revolver.

Isto passou-se no Alto de Santa Catharina.

Antigamente, os mesmos factos passavam-se nas montanhas da Calabria e nos *despeñaperros* da Serra Morena, com a differença porém, de que n'estes locaes não havia o que nós hoje chamamos — ministros da fazenda.

Havia o que antigamente se chamava — salteadores de estrada.

Aviso dos jornaes:

«O Luciano das ratas, que tambem se occupa em matar ratos por casas particulares, tendo, ao que elle diz, uma boa clientella, pede-nos para participarmos a todas as pessoas que queiram utilizar-se das suas exceptionaes aptidões no mister a que se dedicou, que mudou a sua residencia para o Cruzeiro d'Ajuda, travessa da Estopa, n.º 2.»

Aqui está uma aptidão desaproveitada.

Este Luciano, se o mettem no orçamento, era de uma vez o deficit.



A espiga

Caro Zé que vaes ás hortas
Fazer ôdre da barriga,
Não pensar em coisas tortas,
En *avant*, vamos á espiga!

De tão costumado que andas
A esta maldita inimiga,
Soffres por todas as bandas
Todo o feitio de espiga.

Quando o tributo te arromba
E á negra fome te obriga,
E's manso como uma pomba,
Nunca reponas á espiga.

Quando o sabre *municipal*
As tuas baldas castiga,
Vaes parar ao hospital,
Mas não te queixes da espiga.

Se o senhorio birrento
Te faz usuraria figa,
Ficas á chuva e ao vento,
Mas aguentas a espiga.

Se os dirigentes manatas
Entram da eleição na briga,
Pegam carneiro e batatas,
Essa antiquissima espiga!

Se vier o Franco, eterno
Mestre da fina centiga,
Variarás de governo,
Mas não varias de espiga.

A'vante! meu Zé, ávante!
Ajunta, na patria amiga,
Ao nome de Zé pagante
O nome de Zé da espiga!



QUINTA-FEIRA D'ASCENSÃO

A d'este anno



Olhem que espiga!

RAPHAEL BORRALLO PINHEIRO.

Cartazes

Os jornaes queixam-se do que elles chamam — o abuso da collocação dos cartazes.

«E' um vandalismo inqualificavel, escreve um d'elles. O abuso chegou a tal ponto que nem as igrejas escapam! Até na igreja dos Martyres, visinha d'esta redacção, vêmos collados uns prospectos annunciando... o espada Fuentes que toureia na praça d'Algés!»

Na igreja dos Martyres é, com effeito, abuso.

Desde que n'este templo se inauguraram as *matinéas* ao Divino, com cadeiras marcaadas, comprehendemos o cartaz — mas da casa.

* * *

O mesmo jornal indica o Terreiro do Paço como sendo objecto do mesmo abuso:

«Nas arcadas do Terreiro do Paço — escreve — collam-se annunciios e reclames de todas as drogas e artes.»

De todas é realmente abuso.
De algumas comprehendiamos.
Por exemplo:

Pão integral

mento feito de serradura de madeira
Exclusivo da Marcenaria 4.º de Dezembro.

E' o pão { mais digestivo
mais assimilavel
mais mobilavel

Dirigir pedidos e reclamações aos senhores

Delegados da saúde

Ou:

Junta de Credito Publico

Em frente á estatua de D. José com paragem electrica á porta
(Não confundir)

Encarrega-se de todas as operações de credito

Desenhos do Bonus Universal, em duplicado, durante o mez de maio.

Ou:

Ministerio do Reino

Eleições! Eleições!

Excursão á provincia

Grandiosas festas eleitoraes! Fuentes, Algabeño e Bombita Chico! Feira annual—Concurso das maiorias—Iluminações.

Ou:

Miragem! Chimera! Sonho!

Compra, ó vós que passais!
almas inquietas

As solidificações politicas

DE

Augusto Fuschini

O mais lindo romance de amor que se tem publicado em lingua portugueza.



Rosalino

Morreu o Rosalino.—Rosalino Candido de Sampaio e Brito.

Rosalino foi, em Portugal, a encarnação da Asneira. Morreu. Nada nos impede de lh'o dizer. — *On doit des égards aux vivants:—aux morts, on doit la verité.*

Porque se tornou Rosalino um homem notavel?

Rosalino foi grande porque fez da asneira um patrimonio nacional. Rosalino foi um creador.

Muito antes de morrer, esquecera. Coimbra deixou de o vêr. A *Luz da Razão* deixou de publicar-se. A sua obra, porém, essa—creou raizes.

Rosalino não estava já em parte alguma, e mal davam conta do seu incerto paradeiro em Lisboa os seus velhos coetaneos; mas a Asneira, sua filha dilecta, estava em toda a parte: invadira as instituições, tomara logar entre os principios, installara-se nas escolas, penetrara nos lares e foi tudo — ministro, deputado, jornalista, escriptor, poeta.

Esteve em toda a parte e subiu. Dirigiu os negocios do Estado, fez leis, fez moral, deu murros nas carteras de S. Bento, deu sentenças, decidiu do valor dos homens e do significado das coisas, redigiu artigos de fundo, fez critica d'arte e de theatro.

Assim Rosalino pôde — ao contrario de todos os precursores — vêr a sua obra.

O paiz, mais uma vez ingrato com os seus grandes homens, esqueceu-o.

Rosalino morreu no hospital.

No entanto, o seu logar, se houvesse justiça n'este paiz, era nos conselhos da corôa, era no conselho de Estado, era na Camara dos Pares, era na Torre Espada, era na Conceição de Villa Viçosa, que elle alimentou com o seu genio e d'onde o desalojaram os seus ingratos usurpadores.

Dorme em paz, Rosalino e que a ingratidão do teu tempo não perturbe o teu eterno sonho!

Tu foste esquecido—mas tu ficaste não já na memoria, mas melhor: — no sangue dos homens.

O presente dos jornaes

e o futuro da pollicia

O precedente aberto pelo 115 da guarda municipal e em virtude do qual os criminosos deverão dirigir-se d'ora avante ás redacções dos jornaes antes de se entregarem á policia, vae collocar esta corporação n'uma situação verdadeiramente penosa.

Até aqui, como se sabe, era a policia que fornecia aos jornaes a nota das chamadas—*Ocorrencias do dia*. D'ora avante serão os jornaes que passarão a fornecer essa nota á policia.

Assim como outr'ora, no Governo Civil, se installou um gabinete para os *reporters*, installar-se ha talvez nos jornaes um gabinete para... os policias, e dar-se-hão scenas d'estas:

Na redacção do *Seculo*:

O sr. chefe Ferreira—Faz favor; dá-me a lista dos seus presos?

O redactor do *SEculo* (indicando a lista sobre a meza)—Ahi está. Copie. Espere! Essa não! Essa é a de hontem. Já foram todos para juizo. Aqui tem a d'hoje. Ao todo, oito presos...

O sr. chefe Ferreira (reparando na lista)—Que é isto? Um crime na Mouraria!

O redactor do *SEculo*—Nem mais. Apresentou-se ha pedaço. Já fez declarações. Confessou tudo. Está no calabouço da sala da revisão.

O sr. chefe Ferreira—O homem que matou a mulher em Bemfica, já se apresentou?

O redactor do *SEculo*—Não, mas não tarda ahi. Já avisou pelo telephone. Olhe! Tome tambem nota d'este... Matou um sujeito ahi para Arroyos. Está lá dentro a prestar declarações ao sr. Silva Graça.

O sr. chefe Ferreira—Póde-se saber?...

O redactor do *SEculo*—Não senhor! Por ora é segredo. Olhe! Compre amanhã o jornal.

Na redacção do *Diario de Noticias*:

O sr. chefe Sarmento—Ora viva a bella rapaziada! Crimes?

O redactor do *NOTICIAS* (impondo silencio)—Chut!

O sr. chefe Sarmento—Que ha?

O redactor do *NOTICIAS*—Entrou agora mesmo um... Está ahi no gabinete, a prestar declarações ao dr. Alfredo da Cunha.

O sr. chefe Sarmento approxima-se da porta do gabinete e espreita para dentro.

O redactor do *NOTICIAS*—Pst! ó menino! E' contra a ordem!

O sr. chefe Sarmento—E o homem que deu os tiros?

O redactor do *NOTICIAS*—Está lá em baixo no calabouço das machinas.

O sr. chefe Sarmento—Que disse elle?

O redactor do NOTICIAS—Por ora não ha ordem de dizer.

O sr. chefe Sarmiento (supplicante)—O' menino!

O redactor do NOTICIAS—Nã ha ordem! Tem paciencia.

O sr. chefe Sarmiento—E o revolver? Entregou?

O redactor do NOTICIAS—O revolver? Entregou. Está na administração, nas mãos do Pereira. Mas disse logo: «Entrego este revolver ao Diário de Noticias, com a condição de me prometterem que fica sob a protecção do Diário de Noticias. O Pereira recebeu o revolver e disse: «Pode entregar o revolver ao Diário de Noticias: dou-lhe a minha palavra d'honra, como homem e como administrador do Diário de Noticias, que não lhe succede mal algum ao seu revolver».

O sr. chefe Sarmiento (tomando rapidamente nota d'estes informes)—E as declarações?

O redactor do NOTICIAS—As declarações... filho! Tem paciencia! Compra amanhã o jornal...

O sr. chefe Sarmiento—E o preso?

O redactor do NOTICIAS—O preso, lá vae ter... Fica descansado! Leva-o o Pery de Linde (diante de um gesto de desolação do sr. chefe Sarmiento)—Olha, em vez do preso, aqui tens algumas notas... soltas.

PARA VERÃO

Luvras e mitaines de fio de Escossia, seda e algodão, por preços reduzidos **SORTIMENTO IREGUALVEL.**

Luvras pretas para senhora a 140!

Luvras brancas de malha de rede, a luva mais fresca que ha, a 200!

Luvras brancas para homem a 200!

MITAINES desde 300!

Luvras para criança a 120!

Sortimento completo de luvas de pelica e Suede de

1.ª e 2.ª qualidade bem trabalhadas e de acabamento perfeito, a ponto de satisfazer o freguez mais exigente, ou acertar com medida exacta a mãos irregulares.

Vantagem

Apesar do reduzido de nossos preços, damos sempre



Campanella & C.ª

Rua do Carmo, 71

Banhos de S. Paulo

Travessa do Carvalho, 21 a 26

Agua sulphurea do Arsenal

de Marinha de Lisboa

Estas aguas, senão superiores, pelo menos eguaes ás similares de Portugal e Europa, são empregadas com vantagem e efficacia, como provam as experiencias de mais de 20 annos. nos seguintes estados morbidos: rheumatismo, gotta, neuralgia, neurasthenia, limphatismo, escrophulose, herpetismo, dermatoses, diabetes, glicosturia, etc.

O estabelecimento abriu no dia 7 de maio. Os indigentes que se quizerem utilizar d'estes banhos devem dirigir os seus requerimentos com os seguintes documentos: attestado de facultativo, parócho e regedor e certidão do escrivão de fazenda de estar isento de pagar qualquer contribuição.

O director, Manuel Agostinho Collaço.

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL

Gaston Piel

Das 9 da manhã às 5 da tarde

PRACA DOS RESTAURADORES, 16



ORTHOPÉDIA

CASA ESPECIAL DE FUNDAS e aparelhos orthopédicos

DE **MANOEL MARTINS**

FORNECEDOR DOS HOSPITAIS CIVIS, CASAS

DE SAUDE, DE BENEFICENCIA,

ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.

154, Rua da Magdalena, 154-A

(Antiga CALÇADA DO CALDAS,

PROXIMO AO LARGO DE SANTA JUSTA)

LISBOA



FATOS em Paletos de 4500 a 25000
 FATOS em Frak de 12000 a 32000
 FATOS em Sobrecasaca de 16000 a 35000
 FATOS em Casaca de 20000 a 36000
 na Casa das thesouras
 51—Rua da Escola Polytechnica—55
JOSE CLEMENTE



EXPOSIÇÃO DE CANDIEIROS

O grande armazem de candieiros de José de Oliveira & Barros

NO

21, 22, Largo de S. Domingos, 23, 24

Inaugurou já as novas dependencias com uma magnifica exposiçõ de artigos da sua especialidade, taes como:

Candieiros e lustres para gaz, petroleo, azeite, velas e acetylene.

Magnificos vasos e columnas de majelica.

Tinas, lavatorios, esquentadores a gaz para aquecimento d'agua.

Tubos de borracha e de lona.

Tulipas, globos, abat-jours.

Louça de ferro esmaltado.

Objectos proprios para brindes.

Pertencentes para o acetylene.

Apparelhos de retretes, bidets, etc.

21, 22, L. de S. Domingos, 23, 24

(Todo o predio)

Lisboa

JOIAS

ANTIGAS ou modernas, ouro, prta. caudallas do Monte-Pio Geral, compra-se rua do Ouro, 250.

Objectos de ouro e prata

com a marca da lei

GRANDE ab timento em todos o ob ectos Relogioa reguladores com despertadores desde 690 réis até 12000. Ditos de algebeira em prata e aço desde 20000 até 08500. Ditos de ouro para senhora desde 68200 até 20500 réis. Corrente e caudallas do pelo pezo e -em feito. Brincos de ouro desde 580 até 68500 Anéis desde 850 réis até 08000. etc., e muitos mais objectos com preço marcado. Só nesta casa se vende barato.

153, Rua de Palma, 155

(Junto á egreja do Soccorro)

SALA MOZART

MONTE JONSECA

PIANOS ORGÃOS



Goarmon & C.ª

Mosaicos Hydraulicos e Ceramicos.

Azulejos em Fajança e Cartão.

Tijollos em Cimento.

Telha e Escama vidrada.

Quadros e ornatos para Chalets.

21—T. do Corpo Santo—Lisboa

Catalogos sob requisição

Stores de junco

Fazem-se com lindos desenhos e em todas as larguras e p r preços sem competencia, e esteiras para salas e quartos, tudo com a maxima perfeição. Encarrega-se de encomendã s para a provincia e estrangeiro. Rua do Atecirim, 107.

Engommadaria Hespanhola

Rua da Condeça, 7, ao Carmo

ENGOMMADOS em todo o genero, especialidade em polimento. Engomma-se roupa de senhora e toncas de criança, etc. Promptidão e perfeição.

OS ASSASSINOS DO FUTURO

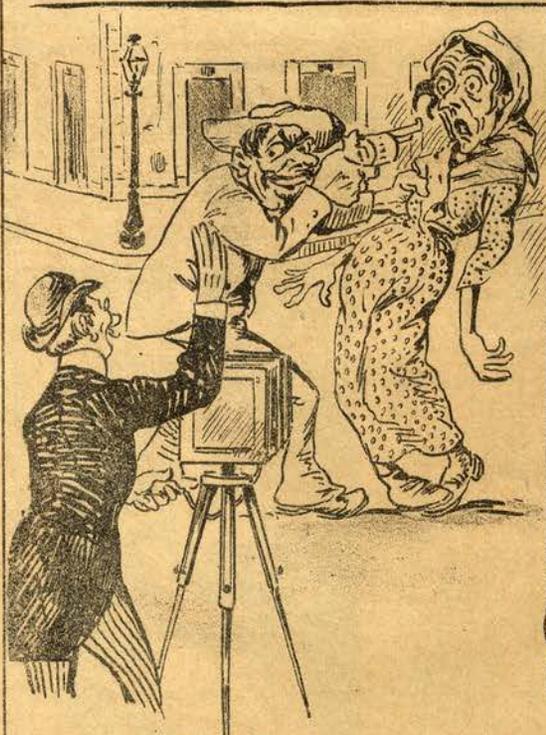
O Crime e a Réclame



—Preciso de um reporter para um crimesinho...



—Venha d'ahi depressa e traga a machina



O criminoso—'Stá bem assim?
O reporter — Bem. Agora, quieto.



—Hum! S'tá mechido. O melhor é fazermos outro... crime.